

# Colóquio Internacional: **Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011  
Laboratório de Geografia Política  
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo  
São Paulo – Brasil

## **Élisée Reclus: a atualidade do pensamento de um geógrafo anarquista do século XIX e sua contribuição para a construção de uma Geografia Libertária para o século XXI**

Silvio Marcio Montenegro Machado  
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Federal de Santa Catarina

### **Reclus Geógrafo Anarquista ou Anarquista Geógrafo?**

Existe uma dificuldade em apresentar Élisée Reclus, teria sido ele um Geógrafo Anarquista ou um Anarquista Geógrafo? Dessa dificuldade em separar o homem e seu ideal de sua obra e em determinar uma hierarquia entre o seu ideal e o seu trabalho científico, talvez resida o segredo da riqueza de seu pensamento.

Paulo Salles de Oliveira, em um pequeno artigo denominado *Caminhos de Construção da Pesquisa em Ciências Humanas*, cita Wright Mills e sua referência ao artesão intelectual, para lembrar que os pensadores mais admiráveis não separam seu trabalho de suas vidas, assim parece ser Élisée Reclus, um homem em que vida e obra confundem-se, o pesquisador e o objeto de pesquisa parecem fundir-se para dar vida às palavras e inspirar as ações.

A inseparabilidade da ação política da científica, fez com que no lugar de praticar uma Geografia de Estado ou a serviço do Estado, o Geógrafo Anarquista ou o Anarquista Geógrafo, procura-se pautar-se por uma “Geografia Social”, uma Geografia que opõem o povo oprimido à elite opressora. Tal posicionamento científico e político rendeu-lhe o ostracismo conforme a avaliação de Manoel Correia de Andrade (1985, p. 11),

Contrariando, desta forma, o pensamento geográfico da época, muito comprometido com o poder, muito conservador, suas posições põem-no em choque

tanto com os seus contemporâneos quanto com os geógrafos que o sucederam na França e que fizeram uma verdadeira cortina de silêncio em torno de sua obra.

Dessa maneira, se faz necessário situarmos Reclus em seu contexto e tentar compreender como sua vida e sua obra se constituíram para assim resgataremos as suas contribuições e compreender seu pensamento.

Nascido em Sainte-Foy-la-Grande, no ano de 1830, Reclus é oriundo de família nobre porém empobrecida, de pai religioso e mãe professora de escola primária. Seu pai era pastor calvinista, desapegou-se dos bens materiais para viver a fé. Em 1842, Reclus foi enviado para estudar em uma escola religiosa na Alemanha com seus irmãos, o irmão mais velho Elie e sua irmã Suzi. (CORREIA, 1985; DUNBAR, 1988).

Segundo Dunbar (1988), essa escola estava dedicada a estudar a natureza. Os trabalhos de campo com os professores despertaram nos irmãos Reclus o seu interesse pela natureza, uma natureza que, ao final do século XIX, Reclus veria transformando-se devido ao surgimento de uma paisagem industrial e poluidora, esse interesse pela natureza será marcante em sua obra.

Reclus passou apenas dois anos nessa escola, segundo Correia (1985) os irmãos Reclus teriam sido expulsos da escola por defender suas convicções republicanas. De volta a sua cidade Natal, terminou seus estudos, em nível equivalente ao ensino médio, no mês de novembro do ano de 1848, ano dos movimentos revolucionários que marcaram a França e a Europa como um todo, momento em que os irmãos Reclus defenderam a república então instaurada em detrimento da monarquia constitucional de Luis Felipe I, fatos que possivelmente aproximaram Élie e Élisée de leituras do campo socialista.

No ano de 1851, Élisée Reclus foi enviado para estudar teologia, provavelmente por influência de seu pai que sonhava em ver os filhos seguindo seu caminho, matriculou-se na Universidade de Berlim, parece que as leituras geográficas de Carl Ritter, agradaram-lhe mais do que as aulas de teologia.

O golpe de Napoleão III, em 2 de dezembro de 1851, foi determinante para o destino dos irmãos Reclus que, em um intento revolucionário, buscaram impedir o apoio da guarnição de Orthez ao Imperador, o intento falido forçou-os a sair da França, refugiando-se na Inglaterra onde Élisée Reclus, tentou sobreviver como professor, não obtendo sucesso foi para a Irlanda, país em que tentou sobreviver como peão nas fazendas.

A Irlanda passava por uma crise sem precedentes, oriunda da dominação e conseqüente

expropriação da população local por parte dos ingleses, fato que forçava a emigração dos irlandeses para os Estados Unidos (CORREIA, 1985).

Aos 22 anos, Élisée Reclus, embarca como auxiliar de cozinha com destino a Nova Orleans, Estados Unidos. Sua passagem por Nova Orleans mudará sua orientação religiosa, Reclus torna-se ateu, não consegue compreender como os protestantes podem defender a escravidão. Nesse período escreve: *A escravidão nos Estados Unidos*, que será publicado na França em 1860, período em que tem início os conflitos que resultarão na Guerra de Secessão.

Ainda em 1855, viaja pela América procurando conhecer a formação latinoamericana, essas viagens servirão de base para vários escritos posteriores. Em 1857 volta para a França e passa a viver de seus escritos, sobretudo relatando as experiências dos lugares que conheceu em suas viagens. Seu estilo de escrita agrada, e, logo cresce a sua fama como Geógrafo, mas as viagens também parecem ter fomentado seu furor revolucionário, em 1864 conhece Mikhail Bakunin, em 1867 filia-se a Internacional dos Trabalhadores, a casa onde mora em Paris passa a ser ponto de encontro de anarquistas e emigrados.

Nesse período é contratado pela editora Hachette, e, além de outros escritos, produz os dois volumes de *La Terre*, obra que o estabelecerá como Geógrafo internacionalmente reconhecido, detentor do “discurso do método da Geografia” (GIBLIN apud CORREIA, 1985, p.12).

É em 1871 que Élisée Reclus notabiliza-se como anarquista e revolucionário ao participar da Comuna de Paris, considerada a primeira experiência de exercício do poder popular ou a primeira revolução proletária da história da humanidade.

Sobre a participação de Reclus na Comuna de Paris, Dunbar (1988) relata que Reclus teria sido um simples soldado a pé do exército *communard* e que teria sido capturado muito precocemente em uma ronda, provavelmente sem ter disparado sequer um tiro (p.82). Para Samis (2011), os acontecimentos anteriores à Comuna, sobretudo a influência de Bakunin e o contexto da época foram determinantes para esse levante. Nesse sentido a influência de Reclus no período anterior a Comuna pode ter sido tão ou mais importante que a sua participação efetiva nos combates que procuravam defender a Comuna e a “Paris Livre”.

Com a derrota da Comuna, Reclus foi extraditado após uma mobilização internacional de notórios intelectuais, escolheu como exílio a Suíça onde permaneceu de 1872 a 1879, período no qual escreveu a maioria dos volumes de sua *Nouvelle géographie universelle* e em que conheceu Piotr Kropotkin, quem lhe auxiliou na elaboração de alguns artigos sobre o Extremo Oriente e a Sibéria na

elaboração de sua *Nouvelle géographie Universelle* tornando-se um grande amigo, ambos irão ajudar a desenvolver os ideais do anarco-comunismo clássico.

Apesar de sua intensa produção, 19 tomos com 800 a 900 páginas cada um, aproximadamente 1.000 figuras e 4.000 mapas, Reclus sofria com as restrições impostas pela editora Hachette, sendo obrigado a infligir-se uma autocensura, não podendo fazer considerações sobre aspectos religiosos, políticos e sociais, motivo pelo qual essa obra não representa a expressão máxima de seu pensamento e é considerada por alguns apenas como uma enciclopédia datada e de pouco interesse geográfico na atualidade, ao contrário de sua obra final *L'Homme et la Terre*, escrito sem as amarras da Hachette.

O contrato com a Hachette, porém, proibia que Reclus abordasse aspectos religiosos, políticos e sociais, certamente, temerosos, os editores, de contrariar o público a quem o livro se destinava. Isso o levou a fazer uma autocensura, maior em uns volumes que em outros, e a se submeter às exigências do editor, que salientava ter contratado o trabalho do geógrafo e não do anarquista. (CORREIA, 1985, p.14)

Élisée Reclus faleceu em 1905, não chegou a ver a sua obra final *L'Homme et la Terre* publicada, a editora Hachette recusou-se a publicar, quem conseguiu juntar seus escritos e publicar a sua obra foi seu sobrinho Paul Reclus, a quem devemos a publicação da maior obra de Reclus, um verdadeiro legado à Geografia, obra que, devido ao brilhantismo e à capacidade intelectual de seu autor, permite-nos mesmo hoje fazer importantes reflexões sobre o espaço e a relação entre natureza e sociedade, coisa que era ignorada pelos Geógrafos da época e que permanece ignorada por muitos adeptos da especialização e da divisão rígida da Geografia em Física e Humana.

Segundo Dunbar (1988), os próprios títulos de suas obras demonstram a evolução de sua Geografia como vemos,

Es interesante observar cómo los títulos de la trilogía de Reclus reflejan la evolución de su pensamiento geográfico – desde *La Terre*, en el que el hombre aparece en los capítulos finales casi como una idea adicional, pasando por *La Terre et les hommes* (subtítulo de la *NGU*), hasta *L'Homme et la terre*, en el que el hombre adquiere el predominio –. El primero era en su mayor parte una geografía física descriptiva, el segundo era una geografía regional mundial, y el tercero quería ser una “geografía social”. (DUNBAR, 1988, p. 85)

Certamente a geografia de Reclus passou por um processo de evolução, mas o que talvez Dunbar não tenha relatado é que esse processo não está descolado de seu amadurecimento enquanto revolucionário anarquista, os escritos de *L'Homme et la terre* foram realizados no seu período final de vida, assim como a sua principal obra política *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique* de 1897, obra em que Reclus expõem com maior clareza o seu pensamento revolucionário.

Além disso, é preciso levar em consideração que tal evolução em sua exposição geográfica somente foi possível livre das amarras que lhe foram impostas pela Editora Hachette, se bem em alguns casos Reclus pôde expôr suas opiniões em um texto ou outro publicado pela Hachette, foi somente em *L'Homme et la terre* que Reclus pode explorar ao máximo a sua percepção da realidade e expressar a sua real opinião, percebe-se um paralelismo muito forte entre *L'Homme et la terre* em alguns de seus volumes com o que é expresso em *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique*.

### **Reclus e sua Geografia Social no contexto geográfico do século XIX.**

Élisée Reclus, se não é o geógrafo de maior produção, está entre os que mais produziram conteúdo, somente o *Nouvelle Geographie Universelle* foram 17.873 páginas, 4.290 mapas e mais ou menos 1.000 figuras, a essa obra seguiu-se *L'Homme et le Terre*, em seis volumes de 3.589 páginas, sem deixar de considerar os seus 2 volumes de *Le Terre* e os demais escritos realizados nos períodos em que esteve viajando o mundo como os textos sobre a Escravidão nos Estados Unidos, sobre a Colômbia ou sobre a Colonização do Brasil.

Além destes, muitos outros textos foram produzidos por Reclus. Como compreender então o fato de termos tão poucos textos circulando em português e de sua obra ser tão pouco conhecida, não somente no Brasil, como no mundo?

Certamente o fato de ser um anarquista revolucionário, não apenas mais um intelectual, um primitivista, um utópico ou um mero defensor da liberdade, seja ela individual ou coletiva, contribui em muito para o abandono de seus textos e conseqüentemente de sua abordagem geográfica por parte dos Geógrafos da época.

Reclus foi um anarquista que inicialmente ligou-se a uma corrente anarco-coletivista e posteriormente aderiu ao anarco-comunismo clássico, ou seja, um homem comprometido com a transformação efetiva da sociedade pela via revolucionária. Participou da Internacional dos trabalhadores, pegou em armas na Comuna de Paris, aliou-se a Bakunin e a Kropotkin e isso por certo incomodava a muitos nessa época.

Mas, talvez não tenha sido esse o principal motivo de seu ostracismo, tanto quanto a sua militância pela transformação social, incomodava a muitos a sua concepção de geografia que estava intimamente relacionada com seu pensamento revolucionário, não era conveniente para os demais intelectuais da geografia e para o Estado-nação, em afirmação na época, a reprodução da Geografia Social de Reclus.

Reclus, foi contemporâneo de expoentes da Geografia Mundial, foi aluno de Carl Ritter, um homem considerado um dos fundadores da Ciência Geográfica, foi colega de Friedrich Ratzel e contemporâneo de Paul Vidal de La Blache, suas contribuições em nada deixaram a desejar se comparadas com as de seus contemporâneos, pelo contrário, certamente Reclus introduziu categorias de análise e abordagens geográficas completamente ignoradas por esses expoentes da Geografia Moderna.

Philippe Pelletier, oferece-nos alguns elementos para analisarmos os motivos dessa “cortina de silêncio” sobre a obra de Reclus, para usarmos a expressão de Manuel Correia de Andrade para o ocultamento da obra de Reclus.

O Homem e a Terra é contemporânea de outras obras de geografia que conheceram grande notoriedade à época, e que ainda são célebres na disciplina. Ela é publicada no mesmo ano que a famosa obra de Paul Vidal de La Blache, *O quadro geográfico da França (1905)* (...)

Elisée Reclus, lembremos, nasceu em 1830 e morreu em 1905. Ele é 15 ou 16 anos mais velho que Ratzel ou Vidal, mas Ratzel morre só um ano antes dele e Vidal 13 anos depois. É provável que esses 13 anos tenham desempenhado um papel na diferença de notoriedade entre Vidal e Reclus, mas não é a principal explicação. **Evidentemente o anarquismo de Reclus incomodava, mas também não é o único motivo. De fato sua concepção de geografia também incomodava: demasiado inovadora, demasiado sociológica, demasiado histórica, demasiado liberada apesar de tudo, do naturalismo; enfim demasiado engajada.** (PELLETIER, 2010, p. 11-12, grifo nosso)

Certamente, a sua concepção de Geografia foi combatida pelos demais Geógrafos da época comprometidos com a consolidação do Estado-nação e com o poder das classes dominantes, é notório que tanto La Blache quanto Ratzel procuraram defender a expansão colonialista através de seus estudos, tentaram justificar a ocupação de territórios, praticavam uma geografia a serviço do Estado, Reclus, por outro lado, procurava com seus estudos as respostas para a emancipação dos povos, para a vitória dos oprimidos sobre os opressores, pregava a pressão em períodos de evolução que efetivassem uma revolução, desnudava as relações de poder, não somente do Estado mas das elites e sua efetivação sobre o espaço.

A visão de Geografia de Reclus, provavelmente inspirado por seu ideal anarquista, permiti-lhe ir muito além na análise da formação das sociedades do que os seus contemporâneos. Enquanto Ratzel e La Blache, pouco ou nada falavam das cidades, Reclus problematizava questão urbana relacionada a especulação imobiliária que valorizava as áreas centrais e mais higienizadas das grandes cidades e o processo de expulsão da população pobre para áreas afastadas do centro, no mesmo texto denominado Repartição dos Homens, Reclus não somente antecipa a teoria dos lugares centrais de

Christaller, anunciando que as distâncias equivalem a capacidade de locomoção dos trabalhadores e prevendo uma distribuição lógica entre os lugares, como antecipa as críticas a esse modelo alertando que tal teoria somente seria possível de se realizar se a superfície da Terra fosse plana e sem obstáculos.

Nesse mesmo texto, que é um verdadeiro manual de geografia urbana, Reclus alerta,

A verdadeira maneira de se estudar uma aglomeração urbana, tendo vivido uma longa existência histórica, é visitá-la em detalhe conformemente aos fenômenos de seu crescimento, é preciso começar pelo local que quase sempre a lenda sagrou, onde foi seu berço, e terminar por suas fábricas e seus monturos. (RECLUS, 2010, p.52)

Na análise urbana, Reclus procurava desvendar os motivos da fundação das cidades, desde os motivos da escolha dos lugares onde se estabeleceriam esses aglomerado urbanos até às razões pelas quais algumas se sobressaíram sobre as outras, procurando desvendar, as relações internas e externas, as redes de comunicação, as questões econômicas, o comércio e a indústria, para desvendar a lógica do sucesso e do fracasso de certas aglomerações e da hierarquia entre as cidades.

Por incrível que pareça Reclus percebe, pelo menos meio século antes do surgimento da chamada Geografia Crítica, a produção do espaço e a descreve como parte de um processo de evolução das sociedades, onde antes um rei ou imperador agia criando uma grande capital, agora o capital especulativo e financeiro age formando grandes cidades.

Em nossas sociedades autoritárias onde as instituições políticas amiúde deram à vontade de um único a influência preponderante, aconteceu que o capricho de um soberano instalasse cidades em locais onde elas não teriam nascido espontaneamente. Tendo sido fundadas em locais contranaturais, elas só puderam desenvolver-se ao custo de enorme desperdício de forças vivas. Assim foram construídas, a alto custo, Madri, Petesburgo, cujos *casines* e povoados primitivos deixados à própria sorte, sem Carlos V nem Pedro I, jamais teriam se tornado cidades populosas como hoje o são. No entanto, conquanto criadas pelo despotismo, elas devem ao trabalho associado dos homens viver como se tivessem uma origem normal; não destinados pelo relevo natural do solo a tornar-se centros, elas, contudo o são graças a convergência das estradas, dos canais, das ferrovias, das correspondências, das trocas intelectuais. **Pois a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias: a cada instante modifica-se pela ação do homem.**

**Agora não se cita mais um César Construtor de capitais; grandes capitalistas ou especuladores, presidentes de sindicatos financeiros sucederam-lhe como fundadores das cidades.** (RECLUS, 2010, p. 58-59, grifo nosso)

Essa forma de ver, pensar e fazer geografia não estava de acordo com o seu tempo, colocava Reclus em choque com os Geógrafos de sua época que alegavam dois motivos para legar-lhe o esquecimento. O primeiro seria que suas obras eram meramente descritivas, baseando-se sobretudo em algumas passagens da *Nouvelle Géographie Universelle* que, como citando anteriormente, tinha sérias

restrições impostas pela Hachette à Reclus.

Paradoxalmente, o segundo motivo seria justamente o oposto do primeiro, afirmam alguns geógrafos, como o discípulo de Vidal de La Blache, Jean Brunhes (1869-1930) em sua *La Géographie Humaine (1910)*, que a obra póstuma de Reclus (referindo-se ao Homem e a Terra) contém interessantes pontos de vista geográficos, mas é sobretudo história e sociologia. (PELLETIER, 2010, p.12)

Tais argumentos são utilizados até nos dias atuais contra aqueles que ousam na e com a Geografia, nos corredores dos departamentos mais conservadores de nossas universidades, nas bancas de defesas, nas salas de aula, ouvimos com frequência a esse tipo de argumento contra aqueles que pesquisam gênero, redes sociais, que fazem análises com bases sociológicas, históricas, culturais ou etnográficas, do espaço das relações humanas, ouvimos: “isso não é geografia!”.

Esse mesmo argumento serviu para ofuscar o pensamento de Élisée Reclus, e somente o tempo foi capaz de corrigir tamanha injustiça. Poderíamos nos estender por muitas páginas relatando as diversas análises feitas por Reclus que somente na contemporaneidade os geógrafos estão estudando, a questão de gênero, a ecológica, as comunidades tradicionais e as terras comunais, entre outras.

Na passagem anterior, em que Reclus se refere às cidades, podemos perceber outra característica de Reclus que é a própria superação da falsa dicotomia entre determinismo e possibilismo. Reclus percebia que não era apenas o solo que determinava o sucesso das cidades, porém, sem aderir a um possibilismo Lablacheano, Reclus demonstra que podem existir uma série de outros fatores que condicionam o desenvolvimento de uma civilização ou de aglomerados urbanos.

No século XX, sobretudo no período pós-Guerra, as concepções de Geografia também foram afetadas pela Guerra Fria, de um lado uma Geografia a serviço do Estado e do Capital de outro uma Geografia Marxista, supervalorizando as abordagens econômicas em detrimento das demais relações que se inserem no espaço. Ambas, mantiveram relativamente no esquecimento a Geografia Social de Reclus, um anarquista que não poderia ser exaltado por capitalistas e nem por marxistas, afinal o próprio Reclus havia se envolvido em polêmicas com Marx ao sair em defesa de Bakunin nas reuniões da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Se a Geografia de Reclus certamente não servia aos propósitos do capitalismo, poderia, de certa forma, encaixar-se nos propósitos socialistas, apesar de ser um socialista libertário, mas o fato é que o pensamento marxista valoriza a primazia da sociedade em detrimento do indivíduo, enquanto que Reclus procura o equilíbrio sociedade e indivíduo, apesar da máxima espaço-tempo contemplada por

ambos. Como a sociedade poderá ir bem se o indivíduo vai mal? Tal era a avaliação de Reclus.

Para além das questões políticas, a contribuição de Reclus baseava-se no reconhecimento da luta de classes, na busca pelo equilíbrio perdido em função da dominação de uma classe pela outra, e no reconhecimento do indivíduo, sem o qual não existe sociedade, sua concepção de educação é sempre pautada no indivíduo, na sua educação integral para que o mesmo atinja um nível de aperfeiçoamento capaz de levar as sociedades humanas a liberdade e no trabalho de campo.

A liberdade é entendida por Reclus, não somente como aquela da livre expressão, do livre pensar, mas como o direito ao pão, aos meios de produção, pela justa distribuição e o direito ao conhecimento, o alimento espiritual essencial, sem o qual não há liberdade.

Para além dessas concepções, uma das principais características da análise de Reclus é a unidade da geografia, sem a tradicional divisão entre Geografia Física e Geografia Humana, Manuel Correia de Andrade também concorda com nossa avaliação de que Reclus escapou ao determinismo de Ratzel e ao possibilismo de La Blache, Manuel Correia de Andrade (1985, p.21),

Para Reclus, a geografia era uma única ciência, e a natureza e o homem, por ela estudados, formavam um conjunto harmônico em que o meio natural exercia influência sobre o homem, provocando a sua ação, modificando-o, transformando-o, e conduzindo-o a produção do espaço. Assim, além de se colocar em uma posição unitária, evitando o dualismo que tanto tem contribuído para dificultar o desenvolvimento da ciência geográfica, Reclus também se punha contra as ideias dominantes do determinismo geográfico, desenvolvido, com alguma moderação, por Ratzel e levado a exageros por discípulos como Huntington e Ellen Semple. Não caiu, porém, no possibilismo de Vida de La Blache que, fundamentalmente ambientalista, é, na verdade, um determinismo moderado.

Como percebemos Reclus tinha um pensamento e uma ação diferenciada da dos demais Geógrafos de sua época, sua Geografia Social contrastava com a Geografia Humana, termo mais suave adotado por La Blache e seus seguidores, visto que o termo Social poderia lembrar socialismo. Não podemos ignorar que assim como Reclus tinha um posicionamento de classe bem definido, Ratzel, La Blache e seus seguidores também o tinham, e, portanto, faziam as suas escolhas também de acordo com seus posicionamentos políticos e ideológicos, tal qual o é em nossos dias.

A Geografia Social de Reclus pode ser considerada a matriz de diversas Geografias que surgiram no século XX, mesmo sem que este tenha recebido o devido reconhecimento. Mas somente as condições dadas no final do século XX, com as transformações que ocorrem no mundo, sobretudo a partir da década de 70, permitiram a retomada do pensamento de Élisée Reclus e de sua Geografia Social, quiza sob a forma de uma Geografia Libertária ou Anarquista.

## **Por uma Geografia Libertária para o século XXI**

A Geografia, sobretudo a Geografia brasileira, passou por profundas transformações no final da década de 70 e início dos 80. No Brasil, as disputas ocorridas no seio da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, farão emergir uma Geografia Crítica, Geografia esta que ficou marcada como sendo uma Geografia Marxista, porém juntamente com ela surge o resgate do pensamento de Élisée Reclus e de Piotr Kropotkin.

A Geografia Marxista e sua análise crítica foi eficaz ao combater os Geógrafos pragmáticos, positivistas e sua Geografia conservadora a serviço do Estado e do Capital, com a qual procuravam apresentar fórmulas que evidenciavam o crescimento econômico, por um lado, e mascaravam os impactos sociais e ecológicos das medidas que levavam a esse suposto crescimento, por outro.

Esse embate, que de certa forma, travou-se no coração da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, foi capaz de transformar a forma de se fazer e ver a geografia, mas teve como consequência uma maior divisão entre Geografia Física e Geografia Humana, portando não dando conta de contemplar a unidade da Geografia, tão bem aplicada por Reclus.

Outra consequência desse embate, foi a supervalorização de uma Geografia econômica ou economicista e a citação quase que exclusiva de fontes marxistas ou marxianas, enquanto que no plano político-econômico, ainda havia esperança de se opôr a um modelo hegemônico de produção capitalista, um modelo hegemônico de modo de produção socialista.

Com a queda do muro de Berlim e o fim do socialismo real, muitas dessas posições passaram a ser revistas e a chamada Geografia Crítica passou a perder força frente o predomínio de análises relativistas, culturais e pós-modernas e ao surgimento de diversas especializações dentro da Geografia que, fugindo das discussões críticas procuravam formar novos espaços de discussão não preocupados com a transformação social, mas com uma suposta neutralidade acadêmica, dentro de um ideal intelectual e academicista.

Se por um lado, esse processo é parte de um movimento conservador, levado a cabo por aqueles que estão de acordo com a estrutura social vigente e não demonstram nenhuma preocupação com as questões sociais, por outro lado, parte desse movimento deve-se ao fato de que o pensamento marxista como um todo, e, na Geografia em particular, sem renovar-se, não consegue contemplar muitas das questões sociais que emergem no mundo pós Guerra Fria.

Dessa maneira, a abordagem estritamente marxista na Geografia tem deixado de lado as questões de gênero, subestimado muitas das questões ambientais, desdenhado das questões culturais e

mesmo das comunidades tradicionais e da questão ecológica.

Sendo assim, emergem geografias que, sem negar o pensamento crítico e as análises marxistas, debruçam-se sobre essas questões, sem perder de vista o ideal de transformação da sociedade. Dessa maneira, muitos novos Geógrafos encontram em Élisée Reclus, quiçás um amparo para os seus anseios de construção de uma Geografia comprometida com as camadas oprimidas da sociedade, com as chamadas minorias com vistas a emancipação destas e a construção de uma sociedade livre, como o caso da agricultura urbana em comunidades pobres que podem seguir orientações reclusianas, como abordado por Machado&Motta (2009).

Talvez, já não seja mais possível tentar contrapor um modelo hegemônico e homogêneo ou homogenizador a um outro modelo também homogêneo, por esse motivo, o ideal anarquista de Reclus encaixa-se perfeitamente entre aqueles Geógrafos que desejam a transformação da sociedade, e que percebem que o modo de produção capitalista pode ser minado aqui, ali e acolá, pelos quilombolas, pelos indígenas, pelas comunidades tradicionais, pelos assentados e acampados, por camponeses, pelos sem teto, sem terra, sem trabalho, sem reconhecimento no campo e na cidade, pelos desalojados, despojados, prostitutas, travestis, por essa diversidade de pessoas e de movimentos que outrora andavam errantes, de povos que cada vez mais estão passando a oferecer resistência e a organizar-se de maneira não hierarquizada, pelos movimentos que eclodem aqui e acolá e que talvez, associados e partindo de sua diversidade, possam fazer frente a um sistema hegemônico.

De ano em ano a experiência ensinar-lhes-á, contudo, que a liberdade não deve ser absolutamente mendigada e que é preciso conquistá-la; ensinar-lhe-á, além do mais, que sua causa confunde-se virtualmente com aquela de todos os oprimidos quaisquer que sejam; doravante, elas terão de ocupar-se de todos aqueles contra os quais fazem mal, e não apenas das infelizes mulheres obrigadas pela miséria a vender o seu corpo. Unidas umas às outras, todas as vozes dos humildes e ofendidos retumbarão em um formidável grito que se fará ouvir. (RECLUS, 2010, p.80)

É com a construção do poder popular, dos princípios de igualdade, com o aperfeiçoamento obtido através da educação, de uma educação libertadora, com a construção de cada vez mais espaços de resistência e de esperança, de espaços autônomos, que se produz a evolução que poderá eclodir a tão sonhada revolução que emancipará os povos.

Reclus, assemelha tal processo revolucionário a um rio represado que após seu tempo de evolução atinge o limite de estourar a barragem e assim produzir uma revolução, mas é importante ressaltar que esta não será alcançada apenas com a espera, que não cairá do céu, tal revolução deve ser construída, segundo Reclus não mais apenas com a força dos canhões mas com inteligência. (RECLUS,

2002)

Um processo revolucionário certamente não poderá ser alcançado plenamente com o desenvolvimento de uma ciência, mas a elevação de consciência, o desenvolvimento da autonomia, a construção do poder popular nos espaços de atuação dos Geógrafos, nesse sentido as contribuições de Élisée Reclus são fundamentais para que possamos manter viva a utopia e construir uma Geografia Libertária para o século XXI, que possa auxiliar na construção dos alicerces para uma sociedade livre, justa e, sobretudo, humana.

## Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia de. (org.). **Élisée Reclus**, São Paulo: Editora Ática, 1985.

BREITBART, Myrna. **Anarquismo y geografia**. Barcelona: Oikos-Tau, 1988. 380p.

DUNBAR, Gary. **Élisée Reclus, geógrafo e anarquista**. In: BREITBART, Myrna. *Anarquismo y geografia*. Barcelona: Oikos-Tau, 1988. p. 77-90.

GOMES, Pedro Nascimento. **Por uma nova Geografia Libertária**. Disponível em: <http://enhpgee.files.wordpress.com/2009/10/pedro-nascimento-gomes.pdf>.

MACHADO, Silvio Marcio Montenegro & MOTTA, Pedro Nicoletti. **A agricultura urbana, o desenvolvimento integral e a cidade jardim, um resgate de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin**. In: *Anais do 12º EGAL – Montevideu*. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/07.pdf>

OLIVEIRA, Paulo Salles. **Caminho de construção da pesquisa em Ciências Humanas**. In: *Metodologias das Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, Unesp, 1998, p. 17-26.

RECLUS, Élie & RECLUS Élisée, **Renovação de uma cidade, repartição dos homens**. São Paulo, 2010, 94 p.

RECLUS, Élisée. **Evolução, revolução e ideal anarquista**. São Paulo, Imaginário, 2002, 136 p.

\_\_\_\_\_, **As Repúblicas da América do Sul: suas Guerras e seu Projeto de Federação**. São Paulo, Imaginário, 2010, 94 p.

\_\_\_\_\_, **Do sentimento de natureza nas sociedades modernas**. São Paulo, Imaginário, 2010, 95 p.

\_\_\_\_\_, **O Brasil e a Colonização**. São Paulo, Imaginário, 2011, 126 p.

\_\_\_\_\_, **O Homem e a Terra: O Estado Moderno**. São Paulo, Imaginário, 2010, 96 p.

\_\_\_\_\_, **O Homem e a Terra: A Indústria e o Comércio**. São Paulo, Imaginário, 2011, 96 p.

\_\_\_\_\_, **O Homem e a Terra: A Cultura e a Propriedade**. São Paulo, Imaginário, 2010, 104 p.

PELLETIER, Philippe. **A cidade e a geografia urbana em Élisée Reclus e sua época**. In: RECLUS, Élie & RECLUS Élisée, *Renovação de uma cidade, repartição dos homens*. São Paulo, 2010, p. 9-28.

SAMIS, Alexandre. **Negras tormentas: O federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris**. São Paulo, Hedra, 2011, 368 p.